

Índice

Introdução	9
Des-Tempo	13
Tempo sem Aroma	25
A Velocidade da História	33
Da Época do Marchar à Época do Zumbido	43
O Paradoxo do Presente	51
Cristal de Tempo Aromático	57
O Tempo dos Anjos	65
Relógio Aromático: Um Breve Excurso sobre a China Antiga	71
A Dança do Mundo	77
O Cheiro a Madeira de Carvalho	87
O Tédio Profundo	97
<i>Vita Contemplativa</i>	
1. Uma Breve História das Musas	103
2. Dialética do Senhor e do Escravo	113
3. <i>Vita Activa</i> ou Vida Ocupada	121
4. <i>Vita Contemplativa</i> — ou da Vida Reflexiva	129



INTRODUÇÃO

A presente crise temporal não passa pela aceleração. A época da aceleração ficou já para trás. Aquilo que na atualidade experimentamos como aceleração é somente *um* dos sintomas da dispersão temporal. A presente crise remete para a dissincronia, que conduz a diversas alterações temporais e à parestesia. Falta ao tempo um ritmo ordenador. Daí, que perca o compasso. A dissincronia faz com que, por assim dizer, o tempo tropece. O sentimento de que a vida se acelera tem, na realidade, origem na percepção de que o tempo anda aos tropeções sem qualquer rumo.

A dissincronia não é o resultado de uma aceleração forçada. É a atomização do tempo a principal responsável pela dissincronia. É também a ela que se deve a sensação de que o tempo passa muito mais rapidamente do que antes. A dispersão temporal não permite a experiência de tipo algum de duração. Não há nada que *reja* o tempo. A vida não se enquadra numa estrutura ordenada nem se guia por quaisquer coordenadas que engendrem uma duração. Identificamo-nos também com a fugacidade e o efémero. E, assim, cada um de nós próprios se torna qualquer coisa de radicalmente passageira. A atomização da vida supõe uma atomização da identidade. Cada um passa a ter-se somente a si mesmo, o

seu pequeno eu. Em certo sentido, sofremos uma perda radical de espaço, de tempo, do ser-com (*Mitsein*). A pobreza do mundo é uma condição discrónica. Faz com que cada um se encerre no seu pequeno corpo, tentando mantê-lo *saudável* por todos os meios, pois que, a não ser assim, nada mais lhe resta. A saúde do frágil corpo de cada um substitui o mundo e substitui Deus. Nada perdura além da morte. Hoje em dia, morrer torna-se especialmente difícil. As pessoas envelhecem sem se tornarem *maiores*.

Este livro rastreia, histórica e sistematicamente, as causas e os sintomas da dissincronia. Mas reflete igualmente sobre a possibilidade de uma recuperação. Embora tendo em conta as heterocronias ou as ucronias, o presente estudo não se limita à descoberta e à restituição desses lugares, excepcionais e insólitos, da duração. Antes, em termos prospetivos, prestará atenção através de um olhar histórico à necessidade em que está a vida, até mesmo na sua expressão mais quotidiana, de adotar outra forma, a fim de evitar qualquer época de crise. Não se trata de chorar a perda da época da narrativa. Não há razão para que o fim da narrativa, o fim da história, traga consigo um vazio temporal. Pelo contrário, dá lugar à possibilidade de uma vida que não tem necessidade da teologia nem da teleologia, e que, apesar disso, tem o seu próprio aroma. Mas requer uma revitalização da *vita contemplativa*.

A crise atual nem por isso está menos ligada à absolutização da *vita activa*. Esta última conduz a um *imperativo do trabalho*, que degrada a pessoa em *animal laborans*. A *hipercinesia* quotidiana despoja a vida humana de qualquer elemento contemplativo, qualquer capacidade de demora. Pressupõe a perda do mundo e do tempo. As chamadas estratégias de desaceleração não são capazes de pôr fim à crise temporal contemporânea. Na realidade, mais não fazem do que ocultar o verdadeiro problema. É necessária

uma revitalização da *vita contemplativa*. A crise temporal só será superada no momento em que a *vita activa*, em plena crise, acolha de novo no seu interior a *vita contemplativa*.



DES-TEMPO

*Para que no intervalo vacilante,
para que no escuro haja alguma coisa a que apegar-se.*

FRIEDRICH HÖLDERLIN

O “último dos homens” de Nietzsche é surpreendentemente atual. A “saúde”, que hoje se erige em valor absoluto, em religião, era já objeto de respeito para o último dos homens¹. E este é, por outro lado, um hedonista. Tem o seu “pequeno prazer do dia e o seu pequeno prazer da noite”. O sentimento e a nostalgia afastam o desejo e o prazer. “O que é o amor? O que é a criação? O que é o anseio? O que são as estrelas? — pergunta o último dos homens e pisca os olhos.” Por fim, a vida, longa e saudável, mas aborrecida, tornar-se-á para ele insuportável. Por isso, toma drogas que o levarão à morte. “Um pouco de veneno de vez em quando, para ter sonhos agradáveis. E muito veneno no fim, para ter uma morte agradável.” É um paradoxo que a sua vida, que ele tanto procura alongar por meio de uma política de saúde estrita, acabe prematuramente. Ex-pira (*ver-endet*) a destempo em vez de *morrer*.

1 F. Nietzsche, *Also sprach Zarathustra*, vol. 1, Berlim, 1968, p. 14. [Cf. *Assim Falava Zarathustra*, tradução de Paulo Osório de Castro, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1998. (N. T.)]

Quem não pode morrer *no seu devido tempo* perece a destempo. A morte supõe que a vida termina por completo. É uma *forma de final*. Se a vida carece de qualquer forma de unidade de sentido, acaba a destempo. É difícil morrer num mundo em que o final e a conclusão foram deslocados por uma interminável corrida sem rumo, uma incompletude permanente e um começo sempre novo, num mundo, pois, em que a vida não tem por conclusão uma estrutura, uma unidade. Assim, a trajetória vital é interrompida a destempo.

A aceleração atual tem a sua causa na incapacidade geral de acabar e de concluir. O tempo aperta porque nunca se acaba — nada conclui porque não se rege por gravitação alguma. Portanto, a aceleração exprime que se romperam os diques temporais. Já não há diques que regulem, articulem ou deem ritmo ao fluxo do tempo, que possam detê-lo e guiá-lo, *sustentando-o*, no tão belo duplo sentido da palavra. Quando o tempo perde o ritmo, quando flui no aberto sem se deter sem rumo algum, desaparece também qualquer *tempo apropriado ou bom*.

Zaratustra invoca, perante este perecer a destempo, outra morte: “Muitos morrem demasiado tarde e alguns morrem demasiado cedo. E a doutrina: ‘Morre a tempo!’ ainda nos soa estranha. Morrer a tempo, eis o que ensina Zaratustra. Mas como há de morrer a tempo quem nunca viveu a tempo?”² O homem perdeu completamente o sentido deste *a tempo*. Cedeu ao destempo. Também a morte chega a destempo, como um ladrão: “Tanto para o combatente como para o vencedor, odiosa é essa vossa morte gesticuladora que se aproxima furtiva como um ladrão — mas que, não obstante, chega como um senhor.” É impossível uma liberdade para a morte se esta se mantém encerrada na própria vida. Nietzsche pensa numa “morte como consumação”,

² *Ibid.* p. 89.

que, perante o morrer a destempo, faça com que a vida se dê a si própria uma forma ativa. Contra todos os “cordoeiros” de longa vida, Nietzsche expõe o seu ensinamento da morte livre: “Mostro-vos a morte como consumação, que é para os vivos um agulhão e uma promessa.” É a mesma referência que encontramos no “ser livre para a morte” de Heidegger. Deste modo, a morte, como força criadora e de consumação do presente, já não se apresenta a destempo, mas antes se integra na vida³. Tanto a morte livre e enquanto consumação de Nietzsche como o ser livre para a morte de Heidegger correspondem a uma gravitação temporal, que procura assegurar que o passado e o futuro compreendam e abarquem o presente. Esta tensão temporal desliga o presente da sua fuga infinita e sem rumo e carrega-o de sentido. O tempo justo ou o momento oportuno surgem somente no âmbito de uma tensão temporal num tempo orientado. Em contrapartida, num tempo atomizado todos os momentos são iguais entre si. Nada há que distinga um momento do outro. A fragmentação do tempo reduz a morte ao perecer. A morte põe ponto final, ainda que a destempo, à vida, que é um presente que sucede sem rumo. Daí que hoje se torne especialmente difícil morrer. Tanto Nietzsche como Heidegger se opõem à fragmentação do tempo, que reduz a morte a um perecer a destempo.

Quem tem uma meta e um herdeiro quer a morte no momento justo para a meta e para o herdeiro. E por respeito à meta e ao herdeiro não porá coroas murchas no santuário da vida. Na verdade, não quero parecer-me com os cordoeiros

3 Veja-se M. Heidegger, *Sein und Zeit*, Tubinga, 1993, p. 384: “Só o ser livre para a morte confere ao *Dasein* a sua finalidade plenária e lança a existência na sua finitude. A finitude, quando assumida, subtrai a existência à infinita multiplicidade de possibilidades de bem-estar, facilidade, fuga das responsabilidades, que imediatamente se oferecem, e conduz o *Dasein* à simplicidade do seu destino [*Schicksal*].”

que esticam as suas cordas e, ao fazê-lo, não param de recuar⁴.

Nietzsche invoca insistentemente o “herdeiro” e a “meta”. É manifesto que não está consciente do alcance que tem a morte de Deus. Entre as suas consequências, contam-se, bem vistas as coisas, o fim da história — quer dizer, o fim da “meta” e do “herdeiro”. Deus funciona como um estabilizador do tempo. Assegura que o presente seja duradouro, eterno. Deste modo, o próprio tempo pontualiza a sua morte, fica desprovido de qualquer elasticidade teológica, teleológica ou espiritual. O presente reduz-se a um *ponto* temporal fugidio. O herdeiro e a meta desapareceram dele. O presente não transporta consigo a longa cauda do passado e do futuro. Depois da morte de Deus, ante a proximidade do fim da história, Nietzsche empreende o terrível esforço de restituir a tensão temporal. A ideia do “eterno retorno do mesmo” não só é expressão do *amor fati*, mas é também o desígnio de reabilitar o *destino* e, na realidade, o tempo do destino.

O “se” impessoal heideggeriano⁵ surge do “último dos homens” de Nietzsche. Os atributos através dos quais é definido o “se” impessoal podem aplicar-se também ao último homem. Eis como Nietzsche o descreve: “Todos querem o mesmo, todos são iguais: quem tem maneiras diferentes de sentir toma voluntariamente o caminho do manicómio.” O “se” impessoal de Heidegger é também um fenómeno temporal. A fragmentação do tempo é acompanhada por uma massificação e uma homogeneização cada vez maiores. A existência própria, o indivíduo em sentido estrito, dificulta o bom funcionamen-

4 F. Nietzsche, *Also sprach Zarathustra*, *op. cit.*, p. 89.

5 M. Heidegger, *Sein und Zeit*, *op. cit.*, pp. 126 e segs: “Na utilização dos meios de transporte públicos, no emprego dos serviços de informação (jornais), cada um é igual a qualquer outro. Gozamos e divertimo-nos como *se* goza; lemos, vemos e jogamos sobre literatura e arte como *se* vê e *se* joga.”